



SERÁ QUE PODEMOS ADIAR O FIM DO MUNDO?

Autores: Daniela Farto Brugnerotto de Aguiar ¹; Liana Arrais Serodio²

Grupo de Pesquisa “GRUBAKH”

Resumo: O presente estudo tem como objetivo refletir sobre a experiência formativa proporcionada pelo projeto *Do Colo ao Conto*, investigando como a literatura infantil pode constituir espaço de encontros significativos e promover o desenvolvimento de práticas pedagógicas centradas na intercorporeidade. A metodologia utilizada baseia-se na narrativa de pesquisa em perspectiva bakhtiniana, com registros das vivências das professoras e professores em encontros formativos mensais, articulando relatos, reflexões e experiências pedagógicas. O embasamento teórico fundamenta-se em Bakhtin e Petrilli considerando a literatura como experiência estética, ética e política, capaz de criar vínculos sensíveis entre sujeitos e promover a fruição da vida. Os resultados demonstram que, ao mediar a leitura, as professoras ampliam sua intencionalidade pedagógica, valorizam a diversidade literária e reconhecem o potencial transformador da mediação literária, articulando linguagem, corpo e afetividade. As narrativas revelam a constituição da intercorporeidade no encontro entre corpos e singularidades, promovendo espaços de escuta, vínculo e aprendizagem compartilhada. Conclui-se que a formação *Do Colo ao Conto* permite adiar simbolicamente o “fim do mundo” (Krenak, 2020), oferecendo oportunidades para que crianças e educadores experimentem o prazer do encontro e do aprendizado no entre, na prática pedagógica afetiva e reflexiva.

Palavras-chave: Literatura infantil; Intercorporeidade; Narrativa de pesquisa; Formação docente; Mediação literária.

¹ Professora de Educação Infantil na Rede Municipal de Piracicaba, atuando como Professora de Formação Continuada na SME. Mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Educação Escolar pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Membro do Grupo de Estudos Bakhtinianos - Grubakh - GEPEC - e mail: d174231@dac.unicamp.br

² Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Professora-colaboradora do Programa de Mestrado Profissional em Educação Escolar – MPPE. Coordenadora do Grupo de Estudos Bakhtinianos – Grubakh – coletivo docente vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada– GEPEC – e mail: serodio@unicamp.br



INTRODUÇÃO

Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência de vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. E está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover. O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida. Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos. E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. (Krenak, 2020, p.26/27)

O ato de ler e escrever nos convoca à busca de um interlocutor, alguém com quem, por meio do gênero discursivo, valorize o diálogo para então, pavimentar caminhos antes já abertos por enunciados anteriores. Ao iniciar esse artigo em diálogo com Ailton Krenak (2020), nos situamos em um auditório social específico do VI SELE, que reafirma nosso pertencimento às culturas do escrito³ e nosso papel docente não indiferente ao movimento da linguagem.

Quando Krenak (2020) afirma que *nosso tempo é especialista em criar ausências*, ele nos convida a pensar sobre como a vida contemporânea, marcada pela pressa tem nos afastado da presença verdadeira. No contexto escolar, nós professoras e professores, procuramos modos de estar mais presentes com os bebês e as crianças, reconhecendo-os como interlocutores do mundo. Nessa relação de escuta e troca, a literatura infantil se apresenta como um caminho potente para vivermos experiências de fruição, encantamento e sentidos, um lugar para os *sonhos*.

Assim, ao pensar a literatura infantil como esse vínculo que constitui um território de encontros sensíveis e significativos, (re)conhecer nossa intencionalidade é um dos ladrilhos neste percurso que tem como foco oferecer um ambiente seguro para expressão, experimentação e relacionamento com o outro. Nesse sentido, a literatura entre o corpo e a linguagem, no caminho da intercorporeidade entre os sujeitos.

Neste contexto, o projeto *Do Colo ao Conto* pode ser reconhecido como um roteiro para a compreensão formativa e de a(u)toformação da *professora/formadora/pesquisadora* num movimento dialógico, imbricado na pesquisa para o Mestrado profissional em Educação Escolar, na metodologia de

³ A expressão culturas do escrito (GALVÃO, 2010), também utilizada por Chartier (2002) como culturas escritas, enfatiza que não há um único modo de relação social com a linguagem escrita. O termo, no plural, reconhece a heterogeneidade dos usos, práticas e significados atribuídos ao escrito em diferentes grupos sociais, tempos e contextos, rompendo com a visão universalista do letramento e situando o escrito em suas dimensões simbólicas, materiais e culturais.



narrativa de pesquisa numa perspectiva bakhtiniana, a qual reafirma “a realidade do ato ético em todas as suas variantes e a realidade da visão estética” (Bakhtin, 2014, p. 30).

As narrativas compartilhadas ao longo dos encontros se configuram como enunciados atravessados por vozes polifônicas do contexto escolar, evidenciando experiências, tensões, descobertas e possibilidades que emergem do contato com a literatura infantil. Esses enunciados manifestam a dimensão ética e estética do trabalho docente nas possibilidades do cuidado com o outro, da escuta sensível e a construção de propostas que articulam linguagem, corpo e afetividade.

Compreender a linguagem como espaço de relação nos lembra que mediar a literatura não se resume a uma escolha consciente; envolve responsabilidade pelo outro em cada gesto, palavra e escuta. Nesse sentido, como destaca o autor:

“A linguagem como dizer fala da responsabilidade do um-pelo-outro. Desse ponto de vista, se é responsável/respondente sempre, inevitavelmente, apesar da própria vontade, do próprio eu; em outras palavras, se é obrigado sempre a responder, ainda que seja para não responder, para não (re)agir. E se no mundo humano a justificativa do espaço neutro não nos é concedida, isso é porque a responsabilidade é uma condição imposta de fora, não intencional, e, portanto, necessária, inexorável: essa fala da obrigatoriedade da relação de alteridade, da dialogicidade, da escritura. Em tudo isso, de fato, não existe escolha que parta da identidade, da consciência intencional do eu; trata-se, ao invés disso, de condições que sofremos, nas quais marcas, ainda que submersas na lógica da identidade e por ela canceladas, são inscritas no corpo, na relação interpessoal, intercorpórea, na linguagem.” (Petrilli, 2013, p. 201)

Essa compreensão evidencia que a responsabilidade atravessa toda interação, tornando a prática docente e a mediação literária inseparáveis da intercorporeidade, do cuidado com cada criança e da construção de vínculos no encontro, na escuta e no gesto pedagógico.

O PROJETO “DO COLO AO CONTO”

O projeto surge como um ato situado entre o *dever* ético e o *dever* formativo (Bakhtin, 2020), movido pelo desejo de afirmar as práticas literárias desde a primeiríssima infância com as professoras e professores de bebês e crianças de até três anos e onze meses. Ao propor imersões em narrativas literárias e experiências do vivido, que, quando transformadas em narrativas pedagógicas, e conduzidas ao plano estético se tornam materialidades da pesquisa como a potência para novas práticas e potenciais formativas. Ao viver a literatura como acontecimento, e não apenas como tarefa pedagógica, as professoras traçam caminhos autorais na mediação da literatura enquanto arte, construindo experiências significativas, que ao



narrá-las mesmo em alguns momentos de forma oral, são reconhecidas e sua potência.

Cada encontro formativo parte de uma obra literária, uma experiência compartilhada, em que emergem relatos potentes, em movimentos que se revelam como compromisso de uma docência que resiste às ausências, não como romantização da falta, mas como invenção cotidiana de possibilidades.

Entre os muitos relatos que atravessaram o percurso formativo, um relato em especial foi apresentado no momento de registro anterior. Como nossos encontros são mensais, sempre iniciamos recordando o último encontro.

Essa professora sempre se mostrou muito participativa, me lembrei que no ano passado em um dos encontros do projeto, compartilhou sua documentação pedagógica num momento muito significativo. Hoje, ao retomar o registro do encontro anterior, revelou seu interesse em confirmar os conceitos que tanto discutimos nos encontros. Com a fala doce e sorriso de menina, à frente de um grupo de mais de 85 professoras, uma professora jovem não titubeou em apresentar suas experiências literárias da infância, um momento muito sensível, que transparecia em cada slide exibido. Foi lindo perceber como ela foi se revelando aos poucos, trazendo uma bagagem voltada ao tema do encontro anterior, bibliodiversidade, que fomenta a valorização da diversidade de conteúdos e vozes, esse lugar múltiplo de acesso a diferentes culturas, gêneros e autores. Em determinado momento, afirmou que os livros que apresentava faziam parte de seu repertório cultural. Completou dizendo que, atualmente, busca constantemente ampliar esse acervo e as possibilidades de mediação com sua turma de Berçário I. Foi então que, cunhando seu próprio conceito, mencionou acreditar ter vivenciado o biblioencantamento; mais do que a bibliodiversidade, o seu desejo como professora é cultivar, junto à diversidade, o encantamento. Foi tão bonito ouvir “seu jeito” na fala cheia de afeto pela literatura, ela apresentou seus livros com uma força valorativa, emotiva e volitiva, reconhecendo o quanto essa linguagem é essencial tanto para ela quanto para seus bebês. (Narrativa do vivido da primeira autora set/25)

No reencontro com essa narrativa, percebemos o quanto a alteridade nos constitui, as palavras da professora reverberam reflexões sobre os sentidos da formação. É nesse movimento de reconhecimento e alteridade que encontramos o que Ailton Krenak (2020) chama de *o prazer de estar vivo*, um prazer que nasce quando nos deixamos afetar pela presença do outro, quando reconhecemos que pensar e sentir são gestos advindos da convivência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do ato singular de narrar, compreendemos que a literatura, quando vivida em um espaço de escuta e presença, é uma ponte para experiências estéticas e intercorpóreas, criando relações que constroem significados inseparáveis da vida



concreta das crianças, das professoras e de seu mundo. Nessa perspectiva da intercorporeidade, o encontro se dá entre corpos e singularidades, quando o outro é reconhecido em sua diferença e o eu se revela em sua autenticidade, para além das determinações sociais que revestem as pessoas de concreta “carne social”.

Evidenciando a dimensão corpórea desta, ou melhor, mais que mais que “corpórea”, já que esse vocábulo pode remeter erroneamente ao corpo do sujeito individual. Melhor então seria dizer “intercorpórea”, uma vez que interessa a Bakhtin mostrar como a palavra, o corpo, a consciência são ligados ao exterior e configuram-se na relação com o outro: desse ponto de vista, a expressão “intercorporeidade” coloca-se com interpretante de “dialogicidade”. (Petrilli, 2013, p. 56)

Gesto, olhar e palavra estabelecem vínculos sensíveis, e é nesse espaço de presença que a mediação literária assume um caráter ético, estético e político, valorizando cada sujeito como produtor de sentidos e conectando essas experiências à vida concreta de todos os participantes. Nesse sentido, como destaca Petrilli (2013, p. 223), “o diálogo bakhtiniano tem, inevitavelmente, a ver com a intercorporeidade”.

Desde o nascimento, estamos situados na intercorporeidade, ou seja, nossa existência é sempre atravessada por relações com outros corpos e com o mundo ao longo do tempo. Essa compreensão nos leva a perceber que o aprendizado não acontece de forma isolada, mas no encontro com o outro, no corpo-a-corpo, na escuta atenta, no gesto pedagógico e na mediação literária. A formação *Do Colo ao Conto* permite adiar simbolicamente o “fim do mundo”, conforme provoca Krenak, oferecendo a crianças e educadores a oportunidade de *contar mais uma história*, dos encontros intercorpóreos, na escuta e no vínculo afetivo. Assim, o aprender se realiza no entre, onde a experiência do dever e devir se cruzam com a vida vivida e com a potência de fruição da existência.

REFERÊNCIAS

- Bakhtin, Mikhail M. **Para uma filosofia do ato responsável**. 3. ed. São Carlos: Pedro e João, 2020.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- GALVÃO, A. M. O. **História das culturas do escrito: tendências e possibilidades de pesquisa**. In: MARINHO, M.; CARVALHO, G. (Orgs.). *Cultura escrita e letramento*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010. p. 65-95. *Linguagem oral e linguagem escrita na educação infantil: práticas e interações* / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica.- 1.ed. - Brasília : MEC /SEB, 2016.
- Petrilli, Susan. **Em outro lugar e de outro modo. Filosofia da linguagem, crítica literária e teoria da tradução em, em torno e a partir de Bakhtin**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013. 415p.
- Prado, Guilherme do Val Toledo; Serodio, Liana Arrais; Proença, Heloísa Helena Dias Martins; Rodrigues, Nara Caetano [Organizadores] **Metodologia narrativa de pesquisa em educação: uma perspectiva bakhtiniana**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2015. 213p.
- Serodio Arrais, Liana; Simas, Vanessa França; Prado, Guilherme do Val Toledo; Proença, Heloísa Helena Dias Martins; Silva Filho, Ruy Braz da (Org.). **Narrativas, corpos e risos anunciando uma ciência outra**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018. 221 p.



VI SELE

SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO
LEITURA E ESCRITA

